

“PLANO ESTRATÉGICO DA FNA ATÉ 2010”

(Aprovado no Conselho Nacional, em Fátima, a 14 de Maio de 2006)

NOTA INTRODUTÓRIA

Realizaram-se em 2005 diversos Fóruns, em vários locais do País, que movimentaram centenas de Associados.

As conclusões desses eventos foram transportadas para o Fórum Nacional, realizado na Casa Diocesana do Vilar, no Porto, a 19 de Novembro.

Deste Fórum Nacional, foi elaborado um documento síntese das respectivas conclusões, lido e distribuído no final a todos os participantes.

Também em 2005, a ISGF (Organização Mundial dos Antigos Escuteiros e Guias) realizou a sua 24ª Conferência Mundial na qual, foi votado e aprovado o plano de acção deste organismo até 2020. Curiosamente, os caminhos apontados por este documento, estão em perfeita sintonia com algumas das conclusões apontadas no Fórum Nacional da FNA.

Face à importância das conclusões destes eventos realizados a nível nacional e internacional e à sua similaridade em termos de metas a atingir, o Conselho Nacional decidiu ser fundamental para o crescimento, implantação e desenvolvimento da FNA, o “ **Plano Estratégico 2010**”, que deverá ser adoptado pela Associação a todos os níveis, rumo ao futuro.

Este documento assenta toda a sua estrutura em três aspectos fundamentais: **Missão, Visão e Objectivos Estratégicos.**

1 – MISSÃO

Quem somos? O que somos? O que nos une?

A Missão da FNA deverá ser conotada com a Boa Acção e deve continuar a ser a expressão de um dos designios mais importantes da FNA..., o Serviço.

Mas mais do que pertencer a um grupo de gente que faz boas acções, o que só por si é extremamente positivo, estar na FNA deverá significar algo ainda mais abrangente e mais profundo.

Considerando então que a FNA é um espaço adequado ao desenvolvimento dos valores do escutismo e que, tem capacidade para desenvolver projectos de elevado interesse para o apoio, a divulgação, promoção e implantação deste Ideal, nos quais deve colocar toda a sua experiência, competência, espírito organizativo e capacidade de entrega;

Considerando que a FNA, como Movimento da Igreja, é um espaço adequado ao desenvolvimento e afirmação da Fé Cristã em todas as suas áreas de intervenção;

Considerando que a FNA deverá ser cada vez mais um espaço destinado ao desenvolvimento da Cidadania e à defesa dos valores do Humanismo e da Ética Social, onde se incluem o respeito pela dignidade do ser humano, pela tolerância e pelo direito à diferença;

Considerando que a FNA deve aceitar os desafios do nosso tempo como a Protecção da Natureza e do Ambiente, a Paz, Apoio Solidário em situações de catástrofes, calamidades naturais ou em campanhas de combate à fome e à exclusão social, etc. ;

Considerando que a FNA é também um espaço destinado à amizade e à confraternização, sempre num elevado sentido de responsabilidade, deverá ser também um espaço de esperança e bondade mas sobretudo, de felicidade e crescimento individual;

Poderá então, no respeito pelos Estatutos e Regulamentos da FNA mas, de uma forma resumida, clarificar-se que:

A Missão da FNA é a promoção do espírito da Promessa e da Lei escutista, baseada nos Princípios do Escutismo Católico, na vida quotidiana dos seus membros individualmente, pelo seu desenvolvimento pessoal continuado, pelo serviço à comunidade, pela Protecção da Natureza e do Ambiente e pelo apoio activo ao Corpo Nacional de Escutas.

2 – VISÃO PARA 2010

Como gostaríamos de ver a FNA num futuro próximo? Que FNA gostaríamos de construir?

Do mais antigo dos associados ao mais recente deles, decerto um desejo será partilhado unanimemente..., integrar uma FNA forte, dinâmica e reconhecida pela sua acção.

Para que tal se verifique, teremos todos de ter a consciência das verdadeiras potencialidades da Associação mas também, dos seus pontos fracos, das suas mais valias e também das suas lacunas, das fontes onde se poderá saciar e fortalecer mas também das águas turvas que terá que evitar.

No percurso associativo, independentemente da diversidade etária dos associados, todos deveremos ter a mesma noção da meta a atingir, cada qual com o contributo possível, mas todos acreditando que no final, seremos mais e estaremos mais fortes.

Visão para 2010:

- a) ***A FNA estará implantada em todas as Regiões do País e será visível, activa e reconhecida como parceiro importante na construção de um Mundo melhor.***
- b) ***A FNA aumentará o número dos seus membros e das suas estruturas nos diversos níveis e, atrairá mais jovens adultos que após os 22 anos não tenham a possibilidade, no momento, de virem a ser dirigentes do CNE.***

3 – OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS.

Fortalecidos pela essência da nossa Missão e imbuídos de uma Visão realista, como vamos implementar a estratégia de desenvolvimento e afirmação da FNA?

De uma maneira muito prática..., “ Pensar globalmente e agir localmente”.

Por outras palavras, lançado o desafio comum (Visão) a toda a Associação, cuidar para que cada uma das etapas do percurso (Objectivos Estratégicos) sejam perfeitamente superadas pelos diversos níveis associativos (Núcleo, Regional e Nacional), sabendo que só Núcleos fortes geram Regiões Fortes que por sua vez reforçam e solidificam a imagem Nacional da FNA.

Assim sendo, deverão ser trabalhados com afinco, os seguintes objectivos estratégicos:

3.1 – Expansão e crescimento sustentado.

Para sermos fortes temos que crescer mais.

Devemos apostar a cem por cento na expansão, no crescimento e no desenvolvimento. Este deve ser o objectivo primordial de toda a Associação.

Verificámos em devido tempo que é possível crescer ao ano entre dez a quinze por cento. Mas não devemos parar. Todos são chamados a procurar trazer para a FNA novos associados, a competir aos diversos órgãos executivos, traçando as estratégias necessárias para esse crescimento.

Se queremos ser uma grande Associação, devemos ter como base de recrutamento os milhares de antigos filiados do CNE, existentes por todo o País.

Deverão ser efectuadas campanhas de divulgação e sensibilização nas diversas comunidades, utilizando também as novas tecnologias como meio de difusão da sua mensagem.

Devem ser criados novos Núcleos e ao mesmo tempo aumentar os efectivos dos Núcleos já existentes, apoiando-os na implementação do Plano Estratégico ao seu nível e dando corpo, na medida do possível, à ideia de...”Um Núcleo da FNA por cada Agrupamento do CNE”.

Devem ser criadas estruturas regionais onde elas não existam e onde estatutariamente seja possível a sua formação.

Com a criação de uma base de dados, a FNA sabe bem quantos somos, onde estamos, o que fazemos, etc., podendo acompanhar o crescimento sustentado dos seus efectivos.

Desta forma, apesar da positiva redução da média etária dos seus associados, deverá prosseguir o rejuvenescimento associativo, sem no entanto se desvirtuarem as características de Associação aberta e verdadeiramente pluriética, criando-se para o efeito os necessários equilíbrios.

3.2 – Formação Interna.

Associados mais preparados darão melhores contributos e sentir-se-ão verdadeiramente mais inseridos e adaptados.

A FNA possui muitos associados recém chegados do activo do CNE, possuidores de uma formação escutista que é uma mais valia para a Associação. No entanto, existem outros cuja situação é bastante diferente.

Sentido por muitos, o défice de formação tornou-se uma preocupação que deve ser partilhada por todos. As razões são muitas: uns tiveram pouco tempo no CNE, outros tiveram há muito tempo, uma grande maioria nunca foi dirigente do CNE. Assim, devemos procurar criar meios de actualização dos conhecimentos dos nossos Associados, através de acções de formação adequadas.

Neste momento já existe mas, deve continuar a desenvolver-se uma formação básica, a mais necessária. O diagnóstico está feito, é o momento de se trabalhar muito nesta área.

Os seus resultados poderão não ser visíveis rapidamente, mas decerto, pouco a pouco os nossos conhecimentos do Escutismo vão-se actualizando e desenvolvendo.

Deverão também ser incentivadas formações de carácter geral como por exemplo de Socorrismo, Protecção Civil, Protecção Ambiental ou outras, de modo a que estejamos mais preparados para o serviço à Comunidade

3.3 – Operacionalidade.

Visando a operacionalidade da FNA, deverão ser levados em conta dois aspectos importantes: a Gestão de Recursos e a Autonomia Financeira.

3.3.1 – Gestão de recursos.

A FNA deve possuir uma estrutura rigorosa, embora fácil e funcional, que lhe permita atender e responder com eficácia às diferentes solicitações.

Deve prosseguir a simplificação e uniformização de processos administrativos a todos os níveis bem como, deve ser paulatinamente incentivado o recurso às novas tecnologias como forma de melhorar a operacionalidade.

Relativamente à área de Gestão de Recursos Humanos, os diversos Fóruns indicaram que não é fácil o recrutamento de pessoas com conhecimentos e disponibilidade para assumirem cargos na FNA, cada vez mais necessários e indispensáveis. No entanto, aos mais diversos níveis, devem ser estabelecidos critérios de escolha e selecção na formação das listas de candidatos aos diversos órgãos directivos da FNA, com vista ao reforço da operacionalidade das diversas estruturas.

Deve ser incentivada a participação voluntária de associados não dirigentes, no desempenho de funções, prestação de contributos ou participação pontual em áreas de intervenção para as quais detenham formação específica, incluindo ao nível profissional, as quais ainda não foram implementadas pela FNA, por manifesta carência de meios humanos como por exemplo na área do Ambiente.

Incentivar a criação e/ou utilização dos espaços Sede para todos os níveis associativos, de modo a que se produza a concentração de meios e recursos, se incuta o hábito de reunião das diversas estruturas, se desenvolva o espírito associativo e se reforce a operacionalidade.

Neste capítulo, tornar-se-á necessário estabelecer protocolos com diversas entidades tais como Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, não esquecendo obviamente a Igreja Católica e também o CNE.

3.3.2 – Autonomia Financeira.

Para que a FNA possa desenvolver correctamente e com dignidade a sua acção, implementando os seus projectos de crescimento, evitando o bloqueio dos processos de operacionalidade, é urgente que se obtenha a tão desejada autonomia financeira de modo a que a se baste a si própria, mantendo a necessária independência.

O conceito de Autonomia financeira deverá ser extensível a todos os órgãos e estruturas da FNA.

De uma forma justa e equilibrada deve produzir o aumento da quotização nacional, adequando-a por um lado à realidade associativa e por outro à realidade socio-económica dos seus associados. A este nível, independentemente do valor estabelecido, deverá ao mesmo tempo ser incentivada e promovida a solidariedade interna nas diversas estruturas de modo a que, nenhum associado prescindia do seu estatuto por manifesta impossibilidade financeira.

Deve promover a angariação de receitas extraordinárias através da prestação de serviços diversos ou estabelecimento de protocolos com entidades, atribuição de donativos, angariação de fundos através do desenvolvimento de actividades próprias, receitas de publicidade, cedências de artigos de fardamento aos associados, etc.

3.4 – Comunicação e Imagem (Visibilidade).

Atendendo à especificidade da nossa Associação no que concerne à disponibilidade dos seus associados, a FNA não possui uma estrutura de serviço permanente, para resposta às diferentes solicitações que lhe são dirigidas.

Desta forma, a Comunicação interna da FNA deverá ser fácil, acessível e circulando em tempo útil nas mais variadas direcções em suma, com qualidade, independentemente do formato utilizado (papel, informático ou oral)

Deverá ser incentivado, sempre que possível, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação como a Internet, face ao baixo custo de utilização, à rapidez e ao armazenamento de dados. Obviamente, a utilização destes meios implicará um conhecimento básico e adequado por parte dos seus utilizadores.

A Comunicação externa deverá processar-se segundo padrões facilitadores da linguagem tipicamente escutista a qual, para quem nunca tenha sido escuteiro, pode constituir-se num obstáculo a essa mesma comunicação. Devemos explicar objectivamente mas com simplicidade quem somos e o que pretendemos.

Ao nível da Comunicação externa e directamente envolvendo a visibilidade associativa, deve dar-se fundamental importância aos contactos com a Comunicação Social a todos os níveis, de modo que seja dado o necessário ênfase e divulgação às acções da FNA, sobretudo as de maior relevo.

A qualidade da Comunicação externa, mas também interna, nas suas variadas formas, define e difunde também a nossa Imagem enquanto Associação.

Também uma carta, uma circular, um boletim ou um jornal podem transmitir aos destinatários, uma falsa ideia de quem somos, desvirtuando totalmente a imagem que nos esforçamos por tentar realçar.

Devemos por isso zelar para que a nossa Imagem seja cuidada, também ao nível de todas as Comunicações que estabelecemos e dos documentos que enviamos.

A Imagem da FNA, deve ser moderna mas ainda assim, sóbria e de bom gosto.

Os uniformes e a sua utilização adequada e regulamentarmente estabelecida, as bandeiras, os distintivos, os diversos logotipos em suma, tudo o que fazemos, comunicamos ou ostentamos faz parte da visibilidade associativa para o exterior. Devemos por isso dedicar uma atenção especial a estes aspectos, assumindo uma postura condizente com o Ideal que perfilhamos.

A forma como somos vistos ou as imagens que transmitimos aos outros, individual ou colectivamente, definem qualitativamente o grau da nossa aceitação perante eles.

Uma deturpada Imagem associativa é também um obstáculo à expansão e ao crescimento.

A todos os níveis, devemos trabalhar para melhorarmos cada vez mais a imagem e a visibilidade da FNA.

3.5 – Actividades.

Os Núcleos da FNA não podem ser Núcleos fechados e isolados onde os seus membros se sintam sozinhos, tristes e desmotivados ou pelo contrário formando compartimentos estanques e impermeáveis onde só alguns têm o privilégio de aceder.

O espírito de Fraternidade deve desenvolver-se para dentro da própria Associação e para o exterior, no Mundo a que pertencemos.

Assim, também os Núcleos devem ter actividades internas viradas para o reforço da amizade, da coesão e dinâmica de grupo, onde todos participam, independentemente da sua faixa etária ou condição física, devendo as mesmas prever antecipadamente os diferentes graus de participação individual. Nestas actividades a família pode e deve participar, estabelecendo um agradável ciclo de afectos e cumplicidades para com a FNA e o Ideal Escuta, nelas se inserindo também, as de cariz religioso ou de desenvolvimento espiritual e as que envolvam intercâmbio associativo.

Ao nível externo, as actividades a desenvolver, quer em parceria com entidades e instituições ou por iniciativa própria, devem expressar o que de melhor tem o espírito escutista ou seja, " a gastar-me sem esperar outra recompensa...".

Estas actividades, possibilitam normalmente o granjear de uma simpatia especial pela nossa Associação. Com sobriedade devemos fazer por merecê-la, cientes de que para além da importância do gesto de solidariedade ou serviço á Comunidade, estamos também a executar um importante acto de relações públicas associativo.

Nas actividades de apoio ao CNE, quando para tal for solicitado, devemos ter a consciência de que poderemos ser um bom exemplo para os jovens escuteiros pelo que, devemos cuidar da nossa postura e da nossa imagem.

Devemos adoptar uma rigorosa postura de serviço nas missões e enquadramentos para os quais foi solicitada a nossa colaboração, não devendo interferir nas etapas e nos processos de formação, sendo essa a função dos dirigentes do CNE, presentes na actividade.

3.6 – Internacionalização.

Pertencemos hoje à ISGF, a Organização Mundial dos antigos Escuteiros e Guias e à AEG, o Comité Português de Amizade dos Antigos Escuteiros e Guias. Remetemos e recebemos informação, partilhamos experiências, damos o nosso contributo de ideias, participamos em actividades Europeias e Mundiais e adquirimos uma visão global do Movimento em que estamos inseridos.

Devemos ter a consciência que o Escutismo Adulto existe e se desenvolve por todo o Mundo, em mais de 50 países diferentes, no seio de centenas de Associações unidas num Organismo (ISGF) que as congrega, apoia, orienta e de alguma forma credibiliza perante a WOSM, a Organização Mundial do Escutismo. Possuir a noção exacta deste envolvimento Internacional, faz-nos perceber que este não é um conceito isolado, fruto da nossa imaginação e do nosso eventual saudosismo.

O Escutismo Adulto desempenhará um papel cada vez mais importante nas comunidades de todo o Mundo, no desenvolvimento individual de cada um dos seus membros e no apoio e promoção do Escutismo. O Escutismo adulto tem futuro.

Que o futuro só pode ser: participar em projectos de importância Internacional, no seio da ISGF, multiplicar os contactos com os irmãos escutas de todo o Mundo, abriremos as nossas portas aos que nos visitam, geminar os nossos Núcleos com outros de outras Nações, contribuirmos para aumentar a nossa presença em eventos internacionais e oportunamente virmos a assumir responsabilidades nos órgãos Europeus e Mundiais.

Daremos o nosso contributo à implantação do Escutismo Adulto nos países de língua oficial Portuguesa e daremos um natural enfoque, por questões de proximidade, ao relacionamento com os nossos irmãos escutas da AISG-Espanha.

Prosseguiremos com total empenhamento o nosso labor e participação no seio da AEG (Comité Português) pugnando por uma maior visibilidade e intervenção deste Organismo a todos os níveis.

3.7 – Relações Institucionais.

A FNA possui relações privilegiadas com o CNE e com a Igreja Católica devendo zelar para que este relacionamento prossiga e se intensifique ainda mais num futuro próximo. No entanto, deverá estabelecer relações institucionais com outras entidades, sobretudo com as que possua parcerias estratégicas.

Com o CNE, nosso parceiro preferencial, para além de uma atitude de total abertura e pronta colaboração nas áreas e ao nível para os quais seja solicitado o nosso leal contributo, deveremos

reafirmar a nossa total disponibilidade para um debate conjunto, franco e atento, sobre os temas que preocupam as duas Associações, quer ao nível do Ideal que partilham quer sobre questões relativas ao seu próprio relacionamento.

Com a Igreja Católica, reafirmando cada vez mais a nossa condição de Movimento da Igreja e a nossa opção católica, oferecendo o nosso total contributo a todos os níveis.

Ao nível de Núcleo, a Paróquia pode ser a primeira comunidade a quem devemos oferecer o nosso espírito fraterno, sendo o serviço aos pobres, o serviço litúrgico, a animação cultural, a dinamização catequética, etc., alguns bons exemplos.

Ao nível Regional, após cada acto eleitoral, a equipa dirigente deverá zelar para que um dos seus primeiros actos protocolares seja a apresentação de cumprimentos ao Bispo da sua Diocese, disponibilizando-se para toda e qualquer colaboração que lhes seja solicitada. Os contactos com a sua Diocese deverão prosseguir com a regularidade tida como conveniente.

Também a Direcção Nacional deve zelar para que as relações com as superiores estruturas da Igreja Católica tenham a proximidade necessária. Deverá também pugnar por uma presença assídua nos Organismos da Igreja, nos quais possua representatividade como é o caso do CNMO - Conselho Nacional de Movimentos e Obras e também prosseguir as diligências necessárias para que seja nomeado um Assistente Nacional para a FNA.

Com outras entidades, deverão ser estabelecidas Relações Institucionais aos mais diversos níveis.

Paralelamente às instituições ou entidades com as quais a FNA possa ter protocolos estabelecidos, deverão as Direcções de Núcleo, Regionais e Nacionais, estabelecer contactos de proximidade com todas as instituições ligadas à Administração Pública como são o caso dos Governos Cívicos, Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, Redes Locais de Acção Social, Bombeiros e Protecção Civil e Autoridades Policiais, a todos oferecendo os seus préstimos.

As relações institucionais ou qualquer contacto a estabelecer com os organismos superiores da Administração Pública como por exemplo o Governo e seus Ministérios e Departamentos, Direcções Gerais etc., deverão ser sempre efectuados pela Direcção Nacional da FNA.

Estes contactos devem ser considerados da máxima importância para a visibilidade da FNA e para o seu reconhecimento público.

Deverão também estas entidades ser convidadas para os eventos que a FNA organize.

3.8 – Cooperação.

A FNA deve estabelecer protocolos de cooperação ou efectuar acções de colaboração com outras entidades ou organizações, sempre que os valores implícitos nesses actos de cooperação estejam de acordo com os Princípios e a Lei do Escuta e com os Estatutos e Regulamentos da FNA.

Se tal acontecer, revelar-se-ão decerto extremamente positivos para a afirmação da FNA como uma Associação útil à Comunidade e às causas mais nobres.

Para além de outros, deverão considerar-se prioritários os protocolos de cooperação em áreas relacionadas com a Protecção da Natureza e do Ambiente, o Apoio Social, A Protecção Civil, e os que envolvam prestações de Serviço Comunitário.

3.9 – Criação de um Observatório para o Escutismo.

Dado o seu natural distanciamento em relação ao Escutismo activo, o qual lhe permite a necessária independência em relação a este projecto, a FNA deveria lançar a médio prazo as bases para a criação de um Observatório para o Escutismo.

Este projecto, em parceria ou não com o CNE, constituir-se-ia num centro de estudos e análise do Movimento Escutista em Portugal, nas suas diversas vertentes, entre as quais, por exemplo, os da sua implantação Social, motivações de quem procura a vivência deste Ideal, as razões para o seu abandono, elaboração de dados estatísticos relativos à vida das associações e respectivas interpretações, etc.

As conclusões dos relatórios a desenvolver, seriam facultados aos dirigentes do Escutismo activo que os poderiam adoptar como preciosos auxiliares na gestão das respectivas Associações, ou como importantes contributos para o desenvolvimento do Escutismo.

Integrariam este Observatório, por convite, reconhecidos dirigentes que já não estivessem no activo, distintos académicos e profissionais que integram a extensa lista dos que algum dia estiveram no activo do Movimento Escutista e outros convidados cuja importância, pela proximidade e envolvimento neste Movimento, pudessem oferecer o seu valioso contributo.

CONCLUSÃO:

Este documento, verdadeiramente abrangente nos variados temas que aborda, para o crescimento, implantação e afirmação da FNA, constitui o instrumento de trabalho de todos os níveis da nossa Associação.

Da implementação deste **PLANO ESTRATÉGICO 2010** e da sua natural avaliação e acompanhamento, dependerá sem dúvida alguma o futuro próximo da Fraternidade de Nuno Álvares.

Fátima, 14 de Maio de 2006
Conselho Nacional da FNA